

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) 1.800 reis
Com estampilha (anno) 1.200 »
Brasil e Colonias 1.500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Anuncios e comunicados, 50 reis; repetições 25 reis. Anuncios permanentes, contracto especial.
Os snrs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.

TEIXEIRA DE SOUSA

Ha tempos, no celebre domingo da aclamação do chefe para o partido regenerador, no dia 16 de janeiro de 1910, a commissão executiva do partido, convocada em solenne assembleia, elegia, por aclamação, o sr. Teixeira de Sousa.

O mavioso sacerdote da capella regeneradora, Julio de Vilhena, não appareceu no conciliabulo dos deuses, mas votou *missiva*.

Era a benção papal, a uncção do escolhido, a confirmação sagrada do novo eleito.

Pimentel Pinto, que tem graves culpas no cartorio do desfalque do Credito Predial, traça o perfil moral e physico do adiantador Teixeira, collega e amigo em varias commissões de bancos e companhias, nestes termos: «um chefe não precisa de talento, de illustração, de caracter, mas de uma saude robusta».

Effectivamente, se o rotativismo em Portugal não estivesse ás portas da agonia, o chefe de um partido de nada mais precisaria do que d'um enorme corpanzil, fortalecido e avigorado pelos ares sádios e higienicos que varrem os planaltos de Alijó. Para as eleições á antiga portuguesa, de nada mais precisaria um politico em Portugal.

O sr. Teixeira, no entanto não concordou plenamente na entusiastica apologia feita á sua robustez de corpo, e finalisou o seu programma com estas palavras sacramentales: «Juro pela minha honra viver somente para a grandeza da minha patria e do meu partido».

Mas o que vem a ser a honra em Portugal, posta assim com tanta emphase na boca de politicos?

A honra hoje, nos dominios da politica, tanto póde concretisar-se na vaidade satisfeita d'uma ambição, como n'um *cachuço* de borracha expremido pelo cano d'uma pistola deante de dois medicos na hora tragica d'um duello!

O sr. Teixeira de Sousa, tocador de varios instrumentos nas Alfandegas, Bancos e Companhias, apenas eleito chefe e evocados os manes da sua honradez politica, em quanto a Corôa punha nas mãos do Sr. Beirão as rédeas do governo, nomeando-o mestre de ceremonias da Constituição, limpa as sandalias da poeira do seu passado, toma o bordão de peregrino e vae por esse Portugal alem, como um *Savonarola* da salvação publica, prégando ao povo o novo ideal da salvação da patria, apresentando-se como um *messias*.

Argamassa com argumentos novos um programma encantador, conquista adeptos, promete benesses, offerece logares, e lá vae, prégando e offerecendo sempre, por todas as terras do paiz, os fructos da sua benemerencia futura a todos aquellos que esperam na salvação da patria e na realisação dos seus sonhos dourados.

Um dia volta a penates, á capital, trazendo no bolso as sympathias de todo o paiz. Portugal inteiro é hoje teixeirista!

O peor é o cadastro... aduaneiro que póde quebrar ou comprometter a solidez do pedestal de tantas glorias. O peor é o mau olhar do sr. Campos Henriques, que diz ter á cabeceira o retrato de Hintze Ribeiro e fechado a sete chaves o velho programma de Fontes que ainda hoje faz pular o coração de tantos regeneradores!

O partido regenerador está liquidado em Portugal. A velha cantara de Fontes está feita em cácos. A cantarinha ficou sem aza quando João Franco reclamou o seu patrimonio, ao ver que dentro do velho utensilio de Fontes, introduziam materia avariada; a pancadinha amorosa, mas sentida, vibrada ha pouco nessa cantarinha do partido regenerador, já desusada, rachou-a de *leç a leç!*

O nectar do partido, dizem, esvasiou-se no bolso do sr. Campos Henriques.

O sr. Teixeira ficou com os cácos, com a materia prima, incapaz de conter cousa de geito, sem levar meia duzia de gatos!

Por isso é que o sr. Teixeira das Aguas, anda agora atraz do Alpoim, do Afonso Costa e outros para lhe recomprem a cacada do seu partido.

Por isso é que a gente do sr. Teixeira obedece, no parlamento, ás ordens do sr. Afonso Costa, actualmente, segundo as melhores informações politicas, de *casa e pucariño* com o adiantador-mór de Alijó.

Devido a estas relações amistosas é que ha tempos correu boato de que o sr. Teixeira, se não succeder ao sr. Beirão, promette passar-se para a Republica immediatamente.

Por *fas* ou por *nefas* quer o poder, ou faz escandalo.

Por tudo isto é que o sr. Teixeira de Sousa, dos politicos monarchicos o mais comprometido na questão dos adiantamentos, das alfandegas, dos *tabacos*, dos *trucs* com o *Seculo*, do Banco ultramarino e em todos os casos escandalosos da monarchia em que sempre foi *um mãos rôtas* á custa da nação, anda agora na faina do descredito contra o governo Beirão, pelo facto de o actual gabinete lá *supportar* o sr. Montenegro! O sr. Montenegro acaba de sair do ministerio.

Que mais querera agora a firma Teixeira, Alpoim & C.º do actual governo?

Que auctoridade tem deante da gente que actualmente está á frente da nação o sr. Teixeira?

Que auctoridade tem o sr. Alpoim de Cerqueira Borges Cabral, com as lamãs nojentas do Nyassa no bolso, para berrar por moralidade?

Quem emprestou ao caracter do Afonso Costa da democracia, a dignidade bastante para abrir o bico em questões de dignidade e moralidade?

E' espantosa esta desvergonha, esta imbecilidade, esta infamissima campanha feita contra um governo, que não defendemos, mas que não podemos ver assim atacado por processos tão ruins e tão pouco honestos.

O sr. Teixeira não arrasta atraz de si um nucleo de politicos; como um cometa aterrador aguenta uma cauda de proselytos sem outras convicções alem do interesse e do *anicho* burocratico.

A clientella do sr. Teixeira não o segue e persegue pelo espirito de nacionalidade que vê n'um homem o sustentaculo d'uma patria; acompanha o enorme homem de Alijó, com o faro de largos benesses.

Esta clientella adheriu ao sr. Sousa sem convicções; abandonou-o ha com a mesma convicção quando o dia dos desenganos vier.

Quem poderá acreditar os ataques do sr. Teixeira de Sousa, da sua gente e dos seus jornaes ao actual governo, pelo facto do *Rajah* da Anadia andar envolvido nos compromissos do Credito Predial?

Então o sr. Teixeira pretende derribar o governo Beirão para elle subir a governo, elle, Teixeira, que traz no seu sequito os srs. Pimentel Pinto, Silva Vianna, marquez de Sousa Hotstein etc. envolvidos, como o sr. Montenegro, no desfalque do Credito Predial?

Suppunhamos que o ministerio caia e que o sr. Teixeira formava gabinete.

Não estava no seu papel a opposição atacando o ministerio pelo facto do governo (*hypothetico*, já se vê) estar envolvido no Credito Predial?

Sempre gostavamos de ver o governo do sr. Teixeira na berlinda. Era uma girandola de bacamartes de todos os lados da opposição, carregados com o cartuxame pesado do *Credito predial*, do *Banco ultramarino*, das *alfandegas* etc.

Politica, politica, baixissima politica é o que se faz em Portugal após o gabinete do sr. João Franco.

Ainda ha dias, o sr. Mello Barreto, director das *Novidades*, que nunca tivera coragem para o fazer no parlamento, n'uma entrevista com o sr. Joaquim Leitão, publicada no *Porto*, dizia de João Franco:

«Meu caro amigo, desde que cahiu o João Franco, que em Portugal se não trabalha nos altos interesses do paiz. N'este ponto esqueço as dissensões politicas e não tenho duvida alguma em lhe afirmar: o ultimo governo que governou foi o gabinete franquista. Nunca mais se pensou nem póde pensar em legislar, nunca mais se administrou, nunca mais se pensou em fazer outra coisa que não fosse politica, politica, politica. Por acaso, por méro acaso, fez-se durante este periodo de inercia e de desorientação uma coisa boa: o tratado de commercio com a Alemanha.»

Governou mal João Franco, mas todos os decretos e leis do franquismo ahí estão de pé a mostrar a sua *incompetencia politica!*

Bispo do Porto

Consta-nos que no fim do mez corrente vem a Ovar o Snr. Bispo do Porto presidirá encerração do mez de Maria no collegio das Dorotheias, havendo por essa occasião chrisma.

Inspecção Geral dos Impostos

São avisados todos os individuos do concelho d'Ovar, que concorreram ao logar de fiscal de 2.ª classe do Corpo de Fiscalisação dos Impostos, para que foi aberto concurso segundo o aviso publicado no *Diario do Governo* de 31 de janeiro proximo findo, que as provas se hão de realizar n'uma das salas do Ministerio da Fazenda, á 1 hora da tarde dos dias 14, 15 e 16 do mez de julho do corrente anno, perante o jury designado no artigo 19.º do decreto n.º 3 de 24 de dezembro de 1901, devendo os respectivos candidatos comparecer na Inspecção Geral dos Impostos pelas 10 horas da manhã dos alludidos dias, afim de serem submettidos á prévia inspecção medica.

Ovar, 13 de maio de 1910.

Obito

Falleceu na semana passada a sr.ª D. Thereza Camossa, tia dos nossos amigos srs. Eduardo Ferraz e Antonio Augusto Freire de Liz, a quem apresentamos pezames.

Festa intima republicana

Um sarau no Directorio

Realisa-se hoje, á hora a que chegar o petroleo, na séde do Directorio Republicano, um grandioso sarau litterario musical, em beneficio da Liga das Mulheres Republicanas e da Liga dos Direitos do Homem.

Attendendo ao duplo fim, moral e liberal, d'este surprehendente espectáculo, o sr. Alpoim, acompanhado de alguns dos seus amigos, promptificou-se gentilmente a tomar parte n'esta festa.

O programma é o seguinte:

1.ª PARTE

1.º—«*Marselheza*», piano, a 4 pés, por um membro da commissão.

1.º—«*Sementeira*», hymno por um côro de vozes pequeninas, mas muito desafinadinas.

3.º—«*Um par de ligas*», poesia allusiva ao acto, por um membro da commissão... em *travesti*.

4.º—«*O' cartas adoradas*, por mim publicadas», cançoneta com musica da Grã-Duqueza, pelo sr. Afonso Costa.

5.º—«*Iróis do mar*», ode pelo sr. Pepino da Matta, acompanhada em surdina pela «Portugueza».

6.º—«*Palavrinha!*», soneto nephelebatado pelo sr. Marinha de Campos.

7.º—«*Descripção da cidade de Salamanka*», seus principaes monumentos, panoramas e edificios publicos pelo sr. Alpoim.

8.º—«*Noções Exactas de Economia Politica*», cançoneta pelo sr. dr. João de Menezes.

Intervallo... para acordar.

2.ª PARTE

1.º—«*Como se partem certeiras a murro*», exercicios de força combinada, por alguns deputados da minoria.

2.º—«*Revolução... cordeal*», illusões pateadas, recitadas pelo sr. Bernardino Machado, que cumprimentará cada assistente em especial.

3.º—«*A 1.ª representação do drama em 135 actos, 3 quadros, 1 scena, 18 e 3¼ prologos e quantos epilogos o espectador quizer, porque o drama acaba por uma interrogação:*

salada de pepino

original do sr. dr. Brito Camacho. Titulos dos quadros: 1.º—*Morram os jazuitas*; 2.º—*Viva a Liberdade*; 3.º—*Morram os jazuitas*.

(O auctor pede desculpa de matar duas vezes os jazuitas, mas é para fazer o gostinho á plateia.)

4.º—«*Os calcareos, sua evolução e importancia desde o seculo IX até hoje*», conferencia pelo sr. dr. Theophilo Braga.

Intervallo... para acordar.

3.ª PARTE

1.º—«*Antão quem semos nós?*», monologo pelo sr. Pepino da Matta.

2.º—«*Ora isto!*», lamentações ao luar e aos cortadotes de talho, pelo sr. Mirandêta do Valle.

3.º—«*Uma aria da Bohemia*», pelo sr. dr. Alexandre Braga.

4.º—«*Não acham que eu sou bonito?*», cançoneta pelo sr. dr. Antonio José d'Almeida, que ganhou o 1.º premio de belleza no plebiscito da Liga das Mulheres Republicanas.

5.º—«*A cultura dos Pepinos em Portugal*», conferencia (imitando as que se teem realisado no theatro de D. Maria), pelo sr. Braamcamp Freire.

Durante a conferencia, os srs. ve-

readores da Camara Municipal recitarão as suas certidões de baptismo).

6.º—«*Noticias em 3 linhas*», feitas em 5 minutos, á vista do publico, com mais, muito mais de 87 erros de orthographia, pelo sr. Borges, do *Mundo*.

7.º—«*A Liberdade*», romanza cantada em todos os tons pelo sr. José d'Alpoim.

8.º—«*Toma lá que te dou eu*», cançoneta, acompanhada por instrumentos de pancadaria, cantada pelo sr. Homem Christo, que chega n'esse instante de Aveiro.

9.º—«*Salve-se quem puder*», côro geral.

Este programma póde ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

Pepe.

Charge esplendida com que o *Correio da Manhã* brinda a Democracia portugueza.

Communhão das creanças

Realisa-se na freguezia de S. Vicente no proximo dia 22, domingo.

O mez de maio

O Jardim—Maio é o mez das flores. Faz-se a sementeira dos cravos que devem transplantar-se em setembro. Trata-se da floração dos jacinthos, lyrios, anemonas.

Enterra-se a semente dos rainunculos do anno passado e os tuberculos das dahlias.

Tosquia-se a murta e o buxo; semeiam-se os martyrios.

A horta—Ainda em maio se podem semear melões e melancias e feijão em terra humida.

Planta-se hortaliças, hortelã, malaguetas, capam-se os pepinos.

Semeiam-se brochos, alcachofras, couve-flor; transplantam-se todas as especies de couve d'alfofre, alface redonda e romana, chicorea, etc.

O pomar—Continua-se a monda dos renovos, cortando nas arvores fructiferas enxertadas os rebentos inferiores ao enxerto. Cortam-se os fructos que apparecem encravados uns aos outros, nos pecegueiros e damasqueiros, principalmente. Dispõe-se a vinha em cançado. Enxertam-se de escudo laranjeiras e limoeiros.

O campo—Mondam-se os trigos, limpam-se as vinhas do pulgão, apanha-se o linho; lavram-se as terras de sementeiras para outubro, sobretudo as humidas; enxofram-se as videiras, tendo os pampansos 20 centimetros, tendo o cuidado de não proceder a esta operação se as folhas estiverem humidas; sacham-se e limpam-se os viveiros de arvores.

Adagios de maio—Chovinha d'Ascensão das palhinhas faz pão.

Quem em maio relva, não tem pão nem herva.

Maio couveiro, não é vinhateiro. Maio hortelão, muita palha e pouco pão.

Guarda para maio o pão trem ês nem o comas, nem o dês.

Quem em maio não merenda, aos finados se encomenda.

Em maio come as cerejas ao borralho.

Quando maio chegar, quem não arou, ha-de arar.

AGUILHADAS

A parangona do «Mundo» e d'outros socios de igual calibre, anda agora a exhibir a *parangona* das occasiões solemnes, a proposito da intervenção papal nos negocios do paiz.

E' o caso de o Pápa não se conformar com as ideias expendidas na revista franciscana—*Voiz de Santo Antonio* e escrever ao arcebispo de Braga, pedindo-lhe para mandar suspender aquella revista.

O *Mundo* e o *Dia*, de ha muito de mãos dadas, não gostaram da attitude do Vaticano, e zás trambolhão para aqui, trambolhão para ali, que é um gosto de argumentação!

Já elles querem ser mais papistas que o Pápa!

Pobres lórpas!

Ainda um echo... que se prolonga

do vir dizer nas barbas dos glorificadores da memoria de Herculan, que aquillo da Viagem ao Mosteiro dos Jeronymos não passára d'uma festa republicana. Aquillo foi

«por todos os titulos, uma jornada republicana, e aquelles que marcharam para os Jeronymos a prestar homenagem á memoria de um grande vulto que pela liberdade se bateu, iam já, na realidade saudar, no monumento historico que symbolisa as glorias do Passado, as futuras glorias da Republica!»

São uns patuscos estes monopolizadores do patriotismo... republicano!

Hymno á republica trauteado por um diario do Brazil

«O Brazil atravessa a quadra mais critica da sua existencia como nação e a Republica vacilla em seus fundamentos, por causa dos maus governos que temos tido até hoje, vivendo o povo n'uma escravidão peor que a dos negros antigos, ainda mais apertada pelas oligarchias dominantes e ferozes dos estados.

O remedio a tudo isto é e será a espada...

Preferimos o rigor da espada ao terror vermelho dos tyrannos que nos opprimem.»

Alimpem se a este guardanapo os evangelizadores da Republica portugueza.

O Mirandete do Valle apepinado por um cortador

menos justiça e com reduzida vergonha a «Associação dos cortadores» dizendo cousas de se lhe tirar o chapéu. Um cortador levantou-se e reptou o sr. Pepino do Valle a comparecer na séde da Associação, para lhe desfazer os argumentos do *vintem* em cada *kilo* de carne. O sr. Pepino, apepinado com a historia, disse que não podia comparecer, *por lh'o não permittirem os seus affazeres!*

Manuel Luiz Vieira ficou a morrer os beiços deante d'aquelle Pepino!

A proposito, vamos lembrar um caso succedido em 9 de dezembro de 1908, que talvez venha ex-

plicar aquelle *gesto* cobarde do sr. Miranda do Valle.

Fallando em 1908, que por signal era uma quarta feira, o sr. Miranda do Valle, n'uma sessão da Camara de Lisboa, e já, então, de carnes verdes, chamava aos bois mortos «*cadaveres de animaes mortos*»!!!

Fallando, nesse mesmo dia e n'essa mesma conferencia da carne suina, o famigerado Mirandete dizia que em Aldegallega ainda hoje se abate muita carne d'essa que se exporta para (*vide manus*) «os dois paizes estrangeiros, Africa e Brazil!»

Seria, pois, por prudencia que o sr. Miranda não se foi expor á irritação deante dos cortadores, para não fallar do paiz da Africa nem nos *cadaveres dos bois mortos*?

Quem não acreditar n'esta ignorancia supina do sr. Mirandete folheie o *Mundo* de 10 d'aquelle mez e anno.

O «Mundo», dentro do seu papel

ferindo-so aos individuos encarregados do inquerito ao *Credito Predial* diz:

«O sr. Antonio Lino Netto, secretario da commissão, é nacionalista matriculado —aliado, portanto, tambem, do sr. José Luciano, e correligionario da familia Pinto Coelho.»

E' falso. O sr. Lino Netto é actualmente progressista e nunca militou em outro partido. Varios jornaes de Lisboa vieram á mão do *Mundo*, mas este jornal não admite rectificações.

Mais salada de Pepino

Fallando da eterna questão da carne dos *cadaveres dos bois mortos*, o Pepino do Valle apepina a pobreza dos seus correligionarios de Lisboa: «*Não ha difficuldades. Os ricos continuam a comer carne fresca como até aqui e para os pobres servem muito bem as carne-congeladas.*»

Assim se expressa o sr. Miranda, segundo o *Liberal*.

E servi vós, ó pobres, de degrau á ambição dos que vos negam alimento em condições... por serdes pobres!

Cousas escuras

alumiarem estes casos escuros que entenebrecem uma patria infeliz e desgraçada?

O regicídio.
O roubo de cartuchame.
O assassinato do sargento Lima.
O crime de Cascaes.
O incendio da Magdalena.
A historia das associações secretas.
As bombas lançadas na capital.
O roubo das cartas.
A morte do Pad Zé.
O envenenamento do engraxador.
A morte do Ruy Salgado, chefe de chôça e amigo de Diogo Ramires.

Sr. Diogenes, accenda a lanterna e ponha tudo isso ao sol!

Vamos a isso, senão ficará Portugal encravado n'um lameiro.

Pilotos & C.^a

Os enganadores do povo

Povo! os que hoje saudas como numes, amanhã fá-los-has em pedaços, e arrastarás pelas ruas os seus cadaveres cobertos de feridas e pisaduras. Porque, bem que tarde, conhecerás que elles te hão enganado.

Prometteram-te abundancia, e achar-te-has faminto; prometteram-te liberdade, e achar-te-has servo.

A licença mata a liberdade; porque se livremente opprimes, livremente podés ser oppresso; se o assassinio é teu direito, direito será para os outros assassinar-te. Se a força, e não a moral, é a lei popular, quando os tyrannos tiverem mais força, legitimamente, podem pôr no collo do povo um jugo de ferro. Ministros da tyrannia são os que suscitaram a lucta das feições, os que

deram o primeiro grito da revolta, os que accenderam a guerra civil.

Porque a nação se dilacerará, e enfraquecida passará das mãos da plebe para as mãos dalgum despota que a devore. Lembrai-vos da Serpente, que enganou nossos primeiros paes: foi com palavras sonoras, com promessas de gloria e de ventura que ella perdeu a ambos. Dado que para vós não houvesse liberdade e elles vo-la offeressem á custa de perpetuo damno, devíeis te-los por vossos destruidores. Porque a liberdade não é tanto um fim como um meio: quer-se a liberdade não tanto para as nações serem livres, como para serem felizes. Que importa o respeito de propriedade ao que nada possue?

Que vale a liberdade da palavra para o que só tem de proferir maldições e queixumes? Que monta que os vossos pares vos julguem, se

o odio das facções nos fez inimigos uns dos outros? Sem concordia, inevitavel é que o edificio social desabe: e porventura nascerá a concordia do meio das sedições?

Se no coração de algum dos concitadores da anarchia existe vislumbre de virtude, ai delle! Ai delle, se a sua alma é inteiramente negra!

Alexandre Herculano.

Voiz do Propheta primeira serie, X.

DOCUMENTOS HISTORICOS

O caes d'Ovar

I

Constando a Sua Magestade a Rainha, pelas informações que lhe foram presentes, que as Camaras Municipaes dos concelhos d'Ovar e d'Oliveira d'Azemeis não cumpriram as Provisões da extincta mesa do Desembargo do Paço de 17 de junho de 1828 e 3 d'agosto de 1831, pelas quaes sendo dispensadas de concorrerem para as despezas das obras da barra d'Aveiro como estava determinado pelas Regias Resoluções de 18 de janeiro de 1751 e 6 d'outubro de 1755 mandadas observar pela Provisão de 27 de maio de 1756, foram auctorizadas para applicarem o producto do imposto, estabelecido para as ditas obras, ás da construcção do caes da villa d'Ovar e da cadeia da de Oliveira d'Azemeis, pois que estas obras se não acham começadas:

Manda, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, que o Administrador Geral interino do districto de Aveiro faça immediatamente tomar conta ás referidas Camaras, afim de conhecer-se qual foi o rendimento percebido por ellas em virtude das indicadas Provisões de 17 de junho de 1828 e 3 d'agosto de 1831, e qual a applicação que lhe deram devidamente comprovada, dando parte do resultado.

Palacio das Necessidades, em 31 de março de 1837.

(a) Manoel da Silva Passos.

II

Tendo sido presentes a Sua Magestade a Rainha, as representações que á Sua Real Presença dirigiram as Camaras Municipaes dos concelhos d'Ovar e Oliveira d'Azemeis, que pretendem ser excluidas do pagamento do imposto estabelecido para as obras da barra d'Aveiro, pelas Regias Resoluções de 18 de janeiro de 1751 e 6 d'outubro de 1755, e mandadas observar por Provisão de 27 de maio de 1756, afim de applicarem o seu producto para as despezas da obra do caes da villa d'Ovar e da construcção d'uma cadeia na de Oliveira d'Azemeis, e bem assim as informações havidas a semelhante respeito: Manda, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, e em vista do parecer do Procurador Geral da Corôa, com que se conforma, declarar ao Administrador Geral interino do districto d'Aveiro, para o communicar ás referidas Camaras Municipaes, que subsistem as mencionadas Regias Resoluções e Provisão, e que ficam sem effeito as Provisões da extincta Mesa do Desembargo do Paço, de 17 de junho de 1828 e de 3 de agosto de 1831, pelas quaes as referidas Camaras foram auctorizadas a dar outra applicação ao mesmo imposto; porquanto não só é nulla a legislação do governo intruso da usurpação, como está declarado pelos decretos de 23 de agosto de 1830 e de 7 de janeiro de 1834, mas igualmente as referidas Camaras tem pela Novissima legislação, facultade para obterem outros meios para apprehenderem as iniciadas obras: O que o sobredito Administrador Geral n'esta conformidade fará executar, mandando que o producto do imposto de que se trata, effectivamente seja entregue na Contadoria do districto e tenha applicação para as obras da dita barra.

Palacio das Necessidades, 1 de abril de 1837.

(a) Manoel da Silva Passos.

A Lingua traduz a raça

A lingua d'um povo define a raça, como o estylo define o homem. Permitta-se-nos o termo *calcar*, que n'este sentido não é portuguez, para advertirmos os leitores que *calcamos sobre* um estudo de A. Vannier, curiosissimo e que vem nas paginas da «Revue Pédagogique». Vamos á coisa.

Os inglezes não dizem *fazer* uma visita, mas *pagar* uma visita. Tudo para os britannicos deve cheirar ao *ha-de haver* commercial.

Nós passamos um ou dois mezenas thermas ou na praia; os inglezes *gastam-n'os*; d'aqui a affinidade que com esta economia de tempo tem o seu proverbio favorito: *time is money*.

Fallando d'um negocio dizemos que é *bom* ou *mau*; elles dizem que esse negocio *paga* ou *não paga*.

Os americanos, que tem costella ingleza, tratando d'um homem que tem 200 contos, dizem aquelle homem *vale* 200 contos.

Povos egoistas, chamar-lhe-ão as más linguas. Não é verdade que os inglezes e americanos escrevem sempre a primeira pessoa *Eu* com letra maiuscula?

Não ha má lingua, pois, na adjetivação. Elles assim se consideram.

Um portuguez, sempre perdulario e confiando, candidamente dos outros, o que lhe pertence diz: «Antonio tem as mãos na ilharga e fuma no seu cachimbo.»

Um francez, um pouco mais agarrado ao que é seu, diz: «Antonio tem as mãos na ilharga e fuma no seu cachimbo.»

Um inglez, esse é um unhas de fome; o que é seu, é seu.

Se tivesse de traduzir o pensamento apresentado, dizia: «Antonio tem as suas mãos na ilharga e fuma no seu cachimbo. O diabo até tem medo que lhe decepem as mãos dos braços! E' apertado como um avarento.»

A palavra ingleza *home* tem uma significação exquisita, mas concreta.

Para elles, os inglezes, *home* não designa a habitação, mais ou menos luxuosa, externamente. Quer dizer o ninho da familia, a habitação interior, tudo aquillo que em casa lhe serve de *conforto*. Os francezes têm o *foyer*, *foyer domestique*, *chemino* etc., mas que tanto pôde designar o cômo d'uma choupana, como os cortinados e tapetes d'um palacio.

O francez, mais sentimental e mais amoroso, não olha ao conforto da casa, para viver, passar os dias com os seus; attende aos carinhos da sua familia, á poesia do *foyer*.

O portuguez, quasi pensa do mesmo modo, quando evoca o nome do *lar*.

Para o portuguez não ha lar sem poesia, sem sentimento e sem amor, embora esse *lar* não passe d'um *paheiro* ou d'uma cabana de cômo que sirva de ninho a sua familia.

O italiano, como o portuguez tem a palavra *casa*. Para elle o *lar* é a habitação material. Para o italiano a casa serve só para dormir, para passar a noite.

A vida passa-a fóra de casa, como nas cidades antigas da Italia e Grecia.

O cidadão romano, ou o atheniense, passava a vida no campo, na praça publica, na guerra, no gymnasio, sempre fóra de casa.

E mesmo para passar a noite, não raro dormiam nos pateos, nos terraços, nos quintaes, etc.

E isto é confirmado pela archeologia, que tem encontrado edificios antigos com sacadas cobertas e de que em Portugal ha vestigios d'essas construcções, nos *varandins* dos solares da nossa nobreza.

Será talvez uma questão de meio. Na Inglaterra, Alemanha, França, o frio persegue mais que na peninsula hispanica e Italia. D'ahi a necessidade de tornar a casa mais confortavel, em *home*.

Um portuguez, um francez, um italiano, pôde ser feliz sem o conforto; encontrar um inglez sem todos esses pequeninos nadas que se combinam para dar o *conforto*, domestico e pessoal, é procurar uma agulha n'um palheiro.

Os inglezes não chamam por tu a ninguem d'este mundo. Só em poesia e nas orações, e isto raramente apparece, é que lhes é permittido a palavra *tu*.

Respeitam tanto os outros que até chamam por *Você* ao gato e ao cãozinho.

Em francez, emprega-se usualmente o tu no seio da familia e com creanças.

O emprego do tu, em francez tem lá o seu *charme* e que empregam sempre só a proposito. O estudo é longo e muito completo. Não nos permite delongas a falta d'espaco com com que lucta o «Regenerador». Por aqui ficaremos, pois.

CONTOS DA SEMANA

Historia d'um conto

II

O pucaro foi cair no meio dos pardaes, e não se quebrou. Os pardaes disseram logo: Toca a fugir, — e fugiram d'alli. A mulher foi apanhar o pucaro; olha para o chão e diz:

—Ai, Joanico do coração! Olha o que achei.

Era a tal rodellinha de cenoura, com que os pardaes andavam a jogar sem lhe metterem o bico. E que havia de ser? Uma boa moeda d'ouro, nem mais nem menos.

Gasta-se já, não se gasta; em que se ha de gastar, ou não se ha de gastar... já o marido e a mulher andavam outra vez á bulha, quando ella de subito mette a moeda na algibeira e diz com bom modo:

—Deixa-me cá a mim, que com estes quatro mil e oitocentos reis hei de trazer para casa todas as taleigas d'esse excommungado João Botija.

E vaee, lança mão d'um saio de baeta encarnada, tira-lhe um panno, e põe-se a fazer com elle um barrete para Joanico. N'um instante acabou e logo o pôz na cabeça do marido, passando-lhe a moeda d'ouro para o bolso.

—Agora mesmo—lhe disse—vae á hospedaria, encomendas e pagas logo um jantar do melhor que lá houver; depois, com o teu barrete vermelho, vae a casa do compadre e pedes-lhe o favor de jantar contigo...

N'este momento passava por diante da choupana um hortelão, que ia com sua burrinha carregada de hortaliças para o povo, e Catharina continuou fallando muito baixinho. Joanico por certo não desgostou do que lhe disse sua mulher, porque lhe brilharam os olhos; encasquetou o barrete vermelho, e como era muito magro e amarello, parecia com elle um phosphoro de cabecinha encarnada. Foi assim ao povoado cumprir o que sua mulher lhe ordenára.

O sr. João Botija que apesar das suas saccas de dinheiro era mais miseravel e avarento que um judeu, alegrou-se porque ia tirar o ventre de miserias á custa do compadre, e, pegando na sua bengala, foi com elle em direitura á casa de pasto.

Na porta d'esta e debaixo da pintura d'um prato com um par de ovos fritos, e outro com uma gallinha assada com pennas e crista, havia este letreiro:

Entrar, beber, folgar, e ao tempo de pagar não se incommodar.

—Sabe, compadre—disse o sr. João Botija—que gosto eu teria se o que diz esse letreiro fosse verdade?

—E' possivel que o seja para alguns—respondeu Joanico mysteriosamente.

Aquillo foi um banquete de gallo com arroz; e já quando foi preciso ao sr. João Botija desabotoar o collete e ao Joanico alargar a cinta, levantaram-se ambos e, sem dizerem *chus nem bus*, tomaram o caminho da porta.

—Compadre, não paga? disse o sr. João Botija com grande admiração, ao ver que passavam por diante

do patrão, sem este lhes pedir o dinheiro.

—Deixe-se de tolices, respondeu Joanico, sem dizer que o jantar estava pago.

—Compadre, olhe que nos levam para a cadeia.

—Homem, não seja parvo. Vê este barrete vermelho?

—Vejo, sim.

—Pois quem o trouxe, pode ir a qualquer parte, seguro de que não lhe exigirão nem um centil.

—E' deveras isso, compadre?

—Não vê com seus olhos?... Isto é um privilegio que eu tinha em segredo.

—Compadre, não quererá você vender-me esse barrete?

—Nem pensar n'isso, compadre.

—Olhe que lhe dou trinta mil reis por elle.

—Nem que me dêsse sessenta.

—Compadre, servem-lhe cem mil reis?

—Se quizer o barrete ha de dar duzentos.

—Compadre, isso é muito caro.

—Pois não abato um real.

—Venha por elles, compadre.

E foram ambos a casa do sr. João Botija, que entregou a Joanico os duzentos mil reis, e ficou com o barrete vermelho, cuidando que com elle tinha apanhado uma grande fortuna.

Deixemos o Joanico, que, rebentando de riso, foi ter com a mulher e ambos fizeram uma cova ao pé d'uma figueira, onde enterraram os duzentos mil reis; e sigamos o sr. João Botija que com o barrete encasquetado na cabeça, e por cima o chapéu para não dar na vista, se foi a confeitaria, disposto a tomar de borla uma barrigada de doces.

Quanto doce de merenques e de perada, quantos pasteis, massapões e amendoas aquele guloso metteu no bandulho não se conta; só visto!

Depois de se atascar até lhe tocar com o dedo, fez um aceno á confeitaria, tirou o chapéu para deixar apparecer o barrete vermelho, e, sem mais, voltou as costas. A confeitaria riu-se d'aquelles telegraphos que não entendia, e deixou-o ir com Deus; porque, como era homem dinheirinho, para outra vez pagaria.

(Continua.)

BOLETIM ELEGANTE

A bordo do paquete «Magellan» chegou no dia 11 ao Reino, procedente do Rio de Janeiro, o nosso distincto amigo e correligionario sr. Adolpho de Souza Aguiar, digno empregado superior da confeitaria Colombo e presidente do Grupo dos Monoculistas n'aquella capital.

Este nosso amigo seguiu para sua casa de Vallongo, onde era esperado por sua ex.^{ma} familia.

A bordo do paquete «Rhaetia» chegou no dia 17 o nosso ex.^{mo} amigo e patricio sr. José Augusto do Amaral, procedente do Pará, que veio ao Reino não só tratar da sua preciosa saude, como visitar sua illustre familia.

Seu pae e nosso amigo sr. Dr. Antonio Duarte Pereira do Amaral, seu filho Adolpho e sua illustre filha seguiram na segunda-feira no rapido para Lisboa, afim de o ir esperar.

—Esteve no domingo n'esta villa o ex.^{mo} sr. Joaquim Martins Pereira, empregado da casa Carvalhaes, de Manaus, de visita ao seu amigo sr. Antonio Gomes Lyrio.

—Passou hontem o seu anniversario a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Luz Pereira da Cunha.

—Vindo do Pará encontra-se no seio de sua familia o nosso presado amigo e assignante, sr. Joaquim Pinho da Cruz.

Boas vindas.

—Fez dois annos a 13 do corrente o menino Alvaro, filho do nosso amigo sr. Manoel Alves da Cruz, residente em Lisboa.

—E no dia 12 passou o anniversario natalicio da virtuosa esposa d'este nosso amigo, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Emma Goldegel Cruz.

—Retirou para o Porto, onde é empregado da casa Borges & Irmão, o nosso amigo e assignante sr. João Antonio Lopes Tavares de Pinho Junior.

Festa escolar na freguezia de Eiras, concelho de Coimbra

Promovida pelas ex.^{mas} sr.^{as} D. Victoria da Costa e D. Maria Eaydia, professoras muito distinctas, respectivamente das escolas do sexo masculino e feminino da freguezia de Eiras, realisou-se no dia 8 do corrente a primeira festa escolar d'esta freguezia.

Não só, pois, pelo sainete da no, vidade que teve para esta povoação como pelo brilho que revestiu foi uma festa encantadora.

A's 10 horas da manhã saiu o cortejo infantil da escola do sexo feminino, percorrendo os logares de Eiras e Casaes, para o salão amavelmente cedido, e que se achava vistosamente engalanado, pelo sr. Dr. Vaz Serra, de Coimbra.

Ali chegados, procedeu-se a uma sessão solenne, presidida distinctamente pelo ex.^{mo} sr. Dr. Alfredo Freitas, abalitado clinico e illustre director da escola normal do sexo masculino de Coimbra. S. ex.^a em breve e vigoroso discurso poz em destaque a grande personalidade de Alexandre Herculano, cujo centenario se festejava em todo o paiz, como homem, como patriota e como escriptor, sendo muito ovacionado.

Em seguida fallaram as distinctas senhoras promotoras d'aquella festa enaltecendo o valor da instrucção e encarecendo a obra de Herculano que derramou torrentes de luz sobre a historia da nossa nacionalidade e propulsinou o progresso das letras em Portugal.

Em seguida procedeu-se á distribuição de 16 premios aos meninos e 7 ás meninas, que durante o anno mais se destacaram pelo seu aproveitamento e frequencia na escola.

No final recitaram composições adquadas ao acto 5 meninos e 4 meninas, que deliciaram a numerosa assistencia.

A's duas horas da tarde procedeu-se ao jantar a todas as creanças das escolas, que lhes foi servido pelas suas professoras e damas mais distinctas da localidade e decorreu no meio da mais encantadora alegria.

Depois foi servido um bôdo a 22 pobresinhos.

Foi, como se vê, uma linda festa que muito honra as illustres professoras que a promoveram e com tanto realce a levaram a cabo. Obreiras da instrucção assim devem ser adoradas nas freguezias que tem a fortuna de as possuir, porque são justo motivo de desvanecimento.

Em todo o decurso da festa tocou a banda de infantaria 23 de Coimbra, e antes e depois da sessão solenne cantaram as creanças o hymno das escolas.

S. Donato

Realisou-se na segunda-feira, como annunciamos, a festa de S. Donato, promovida pelo sr. Manuel Marques, em cumprimento d'um voto.

Houve missa solenne a grande instrumental e pregou o Sr. Padre Luiz Pereira da Silva, que discorreu largamente sobre as dôres da vida e apresentou como seu prototypo a Virgem ao pé da Cruz, modelo que deviamos imitar na sua heroica paciencia e resignação.

De tarde houve arraial, tocando a musica «Ovarense» lindas peças d'um novo repertório, de que fazia parte uma linda e original rapsodia devida á penna do nosso presado e intelligente amigo David Rodrigues da Silva.

Capella de Santa Catharina

A expensas do sr. Rodrigues Aleixo está soffrendo grandes reparos a capella de Santa Catharina. O altar, que é de talha antiquissima e rica vae ser dourado e restaurado onde necessario fôr, as paredes interiormente escareoladas e caiadas exteriormente, o tecto pintado e erguido um guardavento a porta principal. Bem haja tão benemerito devoto.

PAGINAS ESQUECIDAS

O Vareiro

Sou vareiro! meu traje tão pobre não me pode occultar a ninguém! Mas á porta do rico ou do nobre Não me humilho a pedir um vintem.

Não me curvo do grande á riqueza, Nem dos nobres aceito um centil, Pois prefiro uma honrosa pobreza A' lisonja rasteira, servil.

Neste braço, tão forte e robusto, Tenho arrimo constante e seguro, Pois encaro o trabalho sem custo, O trabalho inda mesmo o mais duro.

Quando o mar, com terriveis lamentos, Faz tremer toda a terra em redor, Quando sopram mais rijos os ventos, Tristes nuncios das scenas de horror;

Quando em roda furtiva olhadella Lança pallido audaz marinheiro; Tremem todos, então, da procella, Só não treme o indomável vareiro!

Ail embora nas aguas sepulto Eu me fique, com meus companheiros, Ninguém diga, visando-me o vulto, Que eu tremerei! Que tremem vareiros!...

E se os p'rigos o peito endurecem, Na constancia das scenas de horror, Nem por isso em minh'alma arrefecem Sentimentos de candido amor...

Pois se acaso, á procella horrerosa, Eu consigo, com vida, escapar, Bem depressa os filhinhos, a esposa Taes fadigas me fazem olvidar.

Seus carinhos e amor verdadeiro Extasiam minh'alma, singela, E ao gosol-cho, eu, pobre vareiro, Sou feliz! acho a vida tão bella!...

Muito embora carente de meios, Meu viver na alegria se expande: Góso, pobre, tão doces enleios Como nunca gosou nenhum grande.

Nem dos grandes invejo a riqueza, Que a par d'ella tambem ha espinhos, E eu prefiro esta alegre pobreza Da riqueza aos mentidos carinhos,

Do trabalho o recurso me basta: Assim Deus me dê vida e saude! E esta fronte jámais não se arrasta, Que adular a ninguém nunca pude.

Sou vareiro! meu traje tão pobre Não me pode occultar a ninguém; Mas á porta do rico, ou do nobre Não me humilho a pedir um vintem.

Março de 1863.

João Rodrigues d'Oliveira Santos. «Amor e Saudade», pag. 102.

Nota. Este livro de poesias, devido á penna do auctor das «Horas Vagas» é pouco conhecido em Portugal, embora o seu auctor seja vareiro.

E' edição brasileira (S. Luiz do Maranhão) e não teve, que nos conste, segunda edição no Brazil e muito menos em Portugal.

Oliveira Santos, partindo creança para o Brazil, lá conquistou fortuna e desenvolveu o espirito. Foi elle o fundador do Gabinete Portuguez de Leitura no Maranhão.

Nasceu na freguezia de S. Vicente e lá veio a fallecer ha bem poucos annos ainda.

Segundo nos dizem, a familia do fallecido guarda a sete chaves um exemplar do «Amor e Saudade», magnificamente encadernado, como tributo de gratidão e saudade pelo seu auctor.

Se a falta d'espaco nos não apertar extractaremos mais algumas composições para publicarmos no «Regenerador Liberal». As poesias das «Horas Vagas» são talvez mais perfectas na technica e na ideia, mas são mais conhecidas por serem mais vulgares as «Horas Vagas».

Limitar-nos-hemos, pois, aos extractos do «Amor e Saudade».

«A Fé Catholica»

Temos presente o n.º 9 d'esta bem redigida revista religiosa que se publica no Porto, a mais luxuosa e a mais bem feita do paiz.

Insere dois retratos de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Antonio Moutinho, Bispo de Portalegre, fazendo-os acompanhar de bellos artigos. A restante collaboração, cujo summario é o seguinte, é muito escolhida.

Summario: — S. Ex.^a Rev.^{ma} D. Antonio Moutinho (texto e illustração).

Nem todos os ricos são egoistas; A grande reunião catholica em Lisboa; A's mães christãs; Noticiario; A's Creanças; Bosquejos da Felicidade; A' Beira do Mondego; S. S. Pio X; Aos nossos leitores; Homenagem ao Bispo de Portalegre; Caixas Raiffeisen; Portugal-França (2.^a Lista de subscriptores).

Preço da assignatura, por anno, 2400 reis; por 6 mezes, 1200 reis; por 3 mezes, 600 reis, pagamento adiantado.

Redacção e administração, rua de S. Lazaro, 295 — Porto.

Ovar na Universidade desde 1800

(CONTINUAÇÃO)

1878-79

Direito, 1.º anno: **Antonio dos Santos Sobreira**, filho de Joaquim dos Santos Sobreira. Concluiu em 1882-83.

1879-80

Mathematica, 1.º anno: **Manoel Maria d'Oliveira Ramos**, filho de João d'Oliveira Ramos. Findou o curso em 1881-82.

1880-81

Direito, 1.º anno: **Dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco**, filho de José Fragateiro de Pinho Branco. Formou-se em 1885-86.

1882-83

Direito, 1.º anno: **José Maria da Graça Affreixo**, filho de Manoel José da Graça. Formou-se em 1886-87.

José Maria de Sá Fernandes, filho de paes incognitos. Concluiu em 1886-87. Este nasceu em Paramos, Feira, mas vae n'esta lista por ser geralmente considerado de Ovar, como se vê no *In Illo Tempore*.

Antonio Descalço d'Oliveira Coentro, filho de Antonio de Oliveira Descalço. Concluiu em 1889-90.

Angelo Ferreira, filho de Domingos Manoel Ferreira. Formou-se em 1886-87.

(Continua.)

Agraciado

Por carta regia de 21 de abril, foi agraciado com o officialato de S. Thiago, o illustre director da Companhia Vinicola Portugueza e consul da Columbia no Porto, sr. José da Fonseca Meneres, filho do importante commerciante d'aquella cidade, sr. Clemente Meneres, a quem apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos.

Nortada

Tem soprado rija nortada n'esta villa, todos os dias ha perto de tres semanas. E ainda não amainou. No momento em que escrevemos esta noticia, difficilmente se pode transitar pelas ruas, convertidas em verdadeiros bulcões de poeira.

A temperatura é baixa, principalmente de tarde e á noite.

Faz mesmo frio como em mezes de inverno. A agricultura sente-se d'esta intemperie e os lavradores já vão dizendo que *faz um tempo quanto Deus acuda*.

«Encyclopedia das Familias»

Temos presente o n.º 280 d'esta interessante revista popular de conhecimentos uteis e leitura amena e muito variada.

Sai um numero cada mez com 80 paginas de texto e lindas gravuras, ao preço de 800 reis por anno.

Para que os nossos leitores avalliem o que é esta bella revista aqui estampamos o *summario* dos capitulos do numero que temos presente: Historia dos Estados Unidos da America, Poesia, Medicina, Curiosidades, Contemporaneos illustres, Actualidades scientificas, Educação physica, Povos selvagens, Economia rural, Bibliographia, Photographia, Avicultura, Mosaico, Antropometria, Contos e novellas, Hygiene Pratica, Agricultura, Conselhos e receitas, Monumentos historicos, Thezouro domestico, Anecdotas, Recreios uteis, Secção recreativa, Pensamentos, ditos e sentenças, Agenda.

Assigna-se em Lisboa, na rua do Diario de Noticias, n.º 93.

ASSALTO

A cacete se diz que fôra n'uma noite da semana passada assaltada a casa do sr. José Luiz Veiga, de Vallega e as vidraças d'uma vivenda que ali possui o sr. Antonio Soares Pinto.

O facto é digno de stigma pela malvadez covarde que revela.

Por mais que se queira levar o publico ao convencimento do contrario, não conseguirá ninguém provar que o assalto, a horas mortas, á casa seja de quem fôr e pela maneira por que o fôr as duas acima referidas, não é digno de reprovação.

As auctoridades assim o entenderam tambem e desde logo se puzeram em campo na pista dos criminosos. Não merecem por isso censura; antes pelo contrario o zelo que agora patentearam a favor da justiça que reclama a punição do delicto, seria muito para louvar o puzessem sempre em casos da mesma natureza ao serviço da mesma justiça.

O que nos causou estranhese foi que na mesma noite se realisasse a prisão, em sua casa, do sr. Manuel da Silva Henriques, que tem sido um homem pacifico e honesto, gozando de fama de bondoso em toda a freguezia. Causou-nos estranhese que as auctoridades *suspeitassem* immediatamente que esse homem de fronte encanecida, honesto, trabalhador e gosando da melhor fama pelo seu procedimento passado, fôsse o criminoso. Ninguém o viu praticar o delicto, todos o supõem incapaz de o fazer de caso pensado e no entanto na propria noite em que o crime se deu esse homem é procurado e preso pelas auctoridades como suspeito criminoso!

Não acham isto extraordinario? As auctoridades não foram lá espontaneamente prender o homem a casa. Não era possivel tal facto.

Fôram então por indicação de alguém.

Quem foi esse alguém?

Alguém inimigo do sr. Henriques. Isto é grave. E' preciso que se veja bem que um inimigo procura vingar-se a si e não a justiça offendida.

Nós achamos que a prisão do sr. Henriques foi precipitada e feita talvez por acinte d'algum inimigo seu.

E' necessario que as auctoridades zelem bem a justiça e procurem provas evidentes da verdade. Simples presumpções ou indícios inseguros não devem aproveitar-se contra o honrado velho que todos consideram como incapaz da acção que lhe imputam. Os signaes que se apontam como provas do crime não prestam para sobre elle se proferir um veredictum.

Procurem outros, se os ha; porque esses não servem para demonstrar que o sr. Henriques está criminoso.

Faça-se justiça, respeitem-se os innocentes.

Nada de politica, nada de vinganças de inimigos.

Desastre

Na quarta-feira da semana passada cahiu d'um predio em construcção, junto á ponte de ferro, o sr. Manoel d'Oliveira Arada Junior, ficando bastante contuso. Pensado pelo sr. dr. Almeida, recolheu a sua casa, em Guilhovae, transportado em um carro.

Roubo d'egreja

De 15 para 16 do corrente os laprapios roubaram da egreja de Cortegaça um relógio de parede, e arrombando as caixas respectivas levaram o dinheiro das esmolas que encontraram, e o mesmo fizeram a uma toalha do altar.

Meditações para o Mez de Maio

por Afonso Muzzarelli

Preço, broch., 100. Enc. 150, reis

A venda na *Typographia Fonseca & Filho* rua da Picaria, 72 - 74 - Porto.

HISTOGENO

bettes, Anemia, Neurasthenia e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem a

TUBERCULOSE

O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effectos contrarios e prejudiciaes a saude.

Feça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** - **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reis.** - **FRASCO PEQUENO, oferta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as farmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahony & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º - No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 115.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70

PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 REIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os sistemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que e ta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorvetelras, etc., etc.

CASA LINO

40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPÉIS PARA FERRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido do deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio, 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José ereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 184

Villa Nova de Gaya - Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS - Telephone, 279

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrafãos

DE MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45 - Porto

Telephone, 616

PHOTOGRAPHIA CARVALHO
R. do Passio Alegre, 27 e 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartogram e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Vidraria S. Bento

DE

Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em crystaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO e MENSTRUACÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar:

Viuva de Silva Cerveira.

José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA

PUREZA das QUALIDADES

TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO
72 - Rua da Picaria, 74 - PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

FLORES ao SS. Coração

de Jesus

Meditações para o seu mês ou qualquer tempo do anno revistas por

Mgr. Manuel Marinho

Approvado e indulenciado
Preço enc., 300 reis

Vende-se na Typographia
Fonseca & Filho Rua da
Picaria, 74 e nas livrarias.

ALBERTO MILIBERO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º

(Em frente ao coreto da Graciosa)

ESPINHO

REGENERADOR LIBERAL

OVAR

ILL.º SNR.